

Uma nova Fátima para a nova Igreja

O Establishment neo-católico junta-se à revolução pós-conciliar para rever a Mensagem de Fátima

"A Irmã Lúcia já não é hoje um ponto de referência, porque temos um muito bom no Concílio Vaticano II."

— D. José da Cruz Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa
por Christopher A. Ferrara

Nota do Editor: Na altura de irmos para a tipografia, o Sr. Ferrara está a aguardar resposta do Reitor do Santuário de Fátima, Monsenhor Luciano Guerra, a um e-mail enviado em 10 de Novembro de 2003, e a um fax enviado em 23 de Novembro de 2003, pedindo-lhe confirmação da veracidade das declarações que os jornais portugueses lhe atribuíram, como está indicado no artigo que se segue. Até hoje, 2 de Dezembro de 2003, não tivemos resposta de Monsenhor Guerra.

Em 1917 um humilde terreno conhecido pelo nome de Cova da Iria, junto a Fátima, Portugal, converteu-se num campo de batalha espiritual em que a Fé Católica de sempre está a defrontar-se com aquilo a que S. Pio X descreveu com propriedade como sendo "o grande movimento de apostasia que está a ser organizado em todos os países para estabelecer uma Igreja do Mundo Unido, que não terá dogmas, nem hierarquia, nem disciplina mental, nem um freio para as paixões."¹

Oitenta e seis anos mais tarde, o combate está a travar-se literalmente na Cova da Iria. Segundo o *Notícias de Fátima*, o jornal local que tem acesso directo aos funcionários do Santuário de Fátima, uma conferência inter-religiosa que teve lugar em Fátima de 10 a 12 de Outubro de 2003 sob os auspícios do Reitor do Santuário, Monsenhor Luciano Guerra, e a que assistiram "representantes" hindus, muçulmanos, judeus, ortodoxos, budistas e animistas africanos, foi organizada sob o tema de que "O futuro de Fátima deve passar pela criação de um Santuário onde possam conviver diversas religiões. O diálogo inter-religioso em Portugal, como na Igreja Católica, ainda está numa fase embrionária, mas o Santuário de Fátima não é indiferente a este facto e já está aberto a ser um local de vocação universalista." *The Portugal News* apresenta esta declaração temática como sendo uma citação directa de Monsenhor Guerra, e o mesmo fizeram outros jornais, incluindo o jornal católico britânico *The Universe*.

Os cabeçalhos do *Notícias de Fátima* sobre a conferência proclamavam:

**"O Santuário [de Fátima] abre-se ao pluralismo religioso" e
"Santuário a vários credos."**

O texto sublinha que, "pela primeira vez" na história do Santuário de Fátima, representantes da Igreja Anglicana "foram convidados oficialmente a vir a Fátima," juntamente com "Ortodoxos, Hindus, Budistas e Muçulmanos." Monsenhor Guerra referiu-se ao encontro como "um primeiro passo. Somos como os engenheiros em Portugal que começam por examinar as estruturas das pontes para ver se podem confiar nelas no futuro."²

Procurei obter (embora em vão) directamente de Monsenhor Guerra uma confirmação ou desmentido das declarações que a imprensa local lhe atribuiu, e que parecem ser citações correctas. Mas testemunhas presentes na conferência, incluindo John Vennari, do *Catholic Family News*, confirmam acima de toda a dúvida que o tema geral da conferência foi que Fátima devia ser um lugar onde todas as religiões se pudessem encontrar, como, de resto, o próprio subtítulo da conferência — "O lugar dos Santuários em relação ao Sagrado" — sugere.

Vennari esteve presente e gravou a principal sessão teológica da conferência, feita pelo Padre neo-modernista Jacques Dupuis — o mesmo Padre Dupuis que foi timidamente censurado pelo Cardeal Ratzinger pelos seus escritos indiferentistas e heréticos, não sendo sequer obrigado a retractá-los. (Mais tarde, Dupuis declarou-se vitorioso no seu conflito com a Congregação para a Doutrina da Fé.) O texto de Dupuis apresentava a ideia de que Deus *quisera positivamente* que existissem outras religiões como parte do Seu plano de salvação, e que nem devíamos chamar não-cristãs às outras religiões. O *Notícias de Fátima* cita as seguintes palavras de Dupuis: "A religião do futuro é a de um Cristo universal, que, na sua profundidade, satisfaça a todos." As palavras de Dupuis foram bem recebidas pelo Núncio Papal, pelo Arcebispo Fitzgerald do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso, e pelo Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva. De facto, no dia seguinte, como comentou John Vennari, Fitzgerald dirigiu-se aos presentes na conferência: "O Padre Dupuis explicou ontem a *base teológica* para o estabelecimento de relações com pessoas de outras religiões."

Porém, confrontado com uma onda internacional de indignação, o Arcebispo Fitzgerald acabou por fazer um daqueles "desmentidos" que são tão típicos da revolução pós-conciliar: calculado para aplacar os demasiado crédulos e para dar cobertura ao lançamento do último balão de ensaio da revolução. Segundo o jornal católico inglês *The Universe*, Fitzgerald disse: "Não se põe a questão de o Santuário de Fátima vir a ser um centro de peregrinação interconfessional... Este é um lugar de oração centrado em Nossa Senhora, e todos são bem-vindos." Leia-se cuidadosamente: Fátima está *centrada* em Maria, mas *todos* são bem-vindos. A conferência, acrescentou Fitzgerald, "fazia simplesmente 'parte de uma reflexão permanente' sobre a 'dimensão inter-religiosa' do Santuário na Igreja e no mundo moderno," mas "não se chegou a conclusões práticas."³ Parece um homem casado a protestar que, ao fazer a corte a outras mulheres, está apenas a fazer uma "reflexão permanente" sobre o adultério.

Mas repare-se que Fitzgerald não chegou a negar que Monsenhor Guerra tinha dito, como *The Universe* transcreveu: "O futuro de Fátima, ou a adoração de Deus e de Sua Mãe neste Santuário, deve passar pela criação de um Santuário onde possam conviver diversas religiões." Dois passos à frente, um passo atrás. Fátima pode não ser hoje uma Meca inter-religiosa, mas já foi estabelecido que on Santuário, segundo Fitzgerald, tem uma "dimensão inter-religiosa", e tanto que aquela conferência sem precedentes era parte de "uma reflexão permanente." Aguardemos as "conclusões práticas." Devem pensar que somos mesmo muito obtusos. E a propósito, "o Santuário vai ser submetido a uma reconstrução completa, com uma nova basílica, inspirada num estádio, a ser construída perto da actual, que data de 1921."⁴ A "renovação" conciliar chegou por fim a Fátima.

O título espantosamente descarado da conferência era "O Presente do Homem — O Futuro de Deus." Na Igreja da primavera conciliar, as criaturas de Deus organizam assembleias inter-religiosas para discutir o "futuro" do seu Criador. Isto já não nos devia surpreender, porque um dos temas mais confusos do pontificado actual, tema esse apresentado em encíclicas e alocações em audiências, é que Cristo, pela Sua Incarnação, "*revela completamente o homem a si próprio...*"⁵ Este tema procede do pronunciamento conciliar, não menos confuso, que aparece em *Gaudium et spes* e diz que "só no mistério do Verbo feito carne é que o mistério do homem se torna verdadeiramente claro."⁶ Assim, diz o Concílio, pela Sua Incarnação Cristo "de certa maneira uniu-Se a cada homem." O Concílio nunca explicou como é que o mistério da Incarnação podia fazer claro o "mistério" do homem, ou em que sentido é que o homem é um "mistério." A natureza do homem é conhecida e compreendida, e não se conta entre os mistérios da Fé. Como também o Concílio não explicou o que é que a frase "de certa maneira" supostamente quer dizer. Estas são apenas algumas das *doutrinóides* (noções mal definidas a querer passar por doutrina católica) que este Concílio "pastoral" produziu, logo que se viu "liberto" da "rígida" precisão clássica dos esquemas preparatórios que foram atirados para o cesto dos papéis.

Como observou o Cardeal Ratzinger, no Vaticano II "pela primeira vez num texto do Magistério, aparece um novo tipo de teologia completamente cristocêntrica, que, em relação a Cristo, apresenta *a teologia como antropologia...*" Só desde Vaticano II é que uma contradição como a teologia antropológica podia "aparecer" de repente na Igreja, como um quark a piscar inesperadamente nalguma câmara de vácuo experimental. Mas se a teologia se tornou antropologia, não será preciso um grande salto para concluir que o futuro do homem é "de certa maneira" o "futuro" de Deus. A difusão esta confusão cumpre a profecia de Pio Pius XII (que então ainda era Monsenhor Pacelli), que ele ligou especificamente à Mensagem de Fátima:

Estou preocupado com as mensagens da Santíssima Virgem a Lúcia de Fátima. Esta persistência de Maria sobre os perigos que ameaçam a Igreja é um aviso divino contra o suicídio de alterar a Fé, na Sua liturgia, na Sua teologia e na Sua alma... Chegará o dia em que o mundo civilizado negará o seu Deus, em que a Igreja duvidará como Pedro duvidou. Ela será tentada a acreditar que o homem se tornou Deus."⁷

Ora, como a "nova teologia" afirma (sem explicar) que todo o homem está "de certa maneira" unido a Cristo, deve parecer muito razoável a Monsenhor Guerra que todas as religiões possam utilizar o Santuário de Fátima. De facto, como se lê no *Notícias de Fátima*, Guerra justificou o futuro sacrilégio, dizendo que "o próprio facto de Fátima ser o nome de uma muçulmana e filha de Maomé indica que o Santuário deve estar aberto à coexistência de várias fés e crenças." Mas Guerra certamente tem consciência de que está a esconder a verdade. A aldeia de Fátima tomou o nome de uma princesa muçulmana que, depois de ser capturada por forças cristãs durante a ocupação de Portugal pelos mouros, apaixonou-se pelo Conde de Ourém, *converteu-se ao Catolicismo*, e foi baptizada antes de casar com o Conde em 1158. O seu nome de baptismo foi Oureana, mas o nome que tinha desde a nascença era Fátima, o mesmo nome da filha de Maomé. Este nome dado à aldeia de Fátima é, portanto, um testemunho, não ao "diálogo inter-religioso," mas ao triunfo da Cristandade sobre os

muçulmanos que ocupavam Portugal (processo este que só veio a ser completado um século depois).⁸

O revisionismo de Guerra recorda-me uma carta do Cardeal Dario Castrillón Hoyos, a repreender o Padre Nicholas Gruner, grande apóstolo de Fátima. (No meio dos maiores escândalos da história da Igreja, o Padre Gruner é o único sacerdote em toda a Igreja Católica que a Congregação para o Clero, de Castrillón Hoyo, condenou publicamente em *L'Osservatore Romano*.) A carta do Cardeal repreende o Padre Gruner por não reconhecer que Nossa Senhora de Fátima "assinalou um programa para a Nova evangelização em que toda a Igreja está comprometida... no limiar do terceiro milénio."⁹

Como é isto? É o género de disparate que o aparelho de Estado do Vaticano espera que agora adoptemos como parte do que já foi chamado a Estalinização da Igreja Católica Romana.¹⁰ Com respeito a Fátima, Guerra e o Cardeal são exemplos flagrantes da Linha do Partido, segundo a qual as verdades católicas intemporais da Mensagem de Fátima são substituídas pelos slogans vazios da revolução pós-conciliar.¹¹ Quem rejeitar os slogans e defender a interpretação tradicional da Mensagem é denunciado com epítetos de estilo soviético: "ultrapassados, estreitos de espírito, extremistas e provocadores fanáticos," eis como o Camarada Guerra alegadamente descreveu os fiéis católicos que levantaram objecções aos seus planos para o Santuário de Fátima.

A Mensagem de Fátima, assim como o magistério constante da Igreja antes do Vaticano II, não precisa de slogans. Basta ler os elementos essenciais da Mensagem para compreender como a Religião católica quase foi eclipsada pelos slogans revolucionários:

Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores.

Para as salvar, Deus quer estabelecer do mundo a devoção a Meu Imaculado Coração.

Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz.

A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reino de Pio XI começará outra pior.

Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para o impedir, virei pedir a Consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos Primeiros Sábados.

Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e

perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados; o Santo Padre terá muito que sofrer; várias nações serão aniquiladas.

Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz.

A religião pregada pela Virgem — ou seja, o Catolicismo Romano tradicional — fala do fogo do inferno, da condenação eterna dos pobres pecadores, do castigo divino dos homens pelos seus crimes, a necessidade de fazer reparação a Deus para que as almas se salvem e os castigos temporais sejam afastados, a salvação das almas pela sua conversão e filiação na Igreja, e a reivindicação dos direitos de Cristo Rei através do triunfo do Imaculado Coração da Rainha Sua Mãe. Nunca ouvimos nada disto do Vaticano pós-conciliar, que parece cestar hipnotizado pela visão de Rahner de um mundo cheio de "Cristãos anónimos" que não precisam dos sete sacramentos para que as suas almas se salvem, porque, "de certa maneira," já estão unidos a Cristo.

Até quando o aparelho de Estado do Vaticano foi finalmente obrigado a referir-se à Mensagem de Fátima no seu comentário de Junho de 2000 ao Terceiro Segredo (em grande parte devido à pressão popular gerada pelo trabalho do Padre Gruner), o Cardeal Ratzinger só usou a ocasião para fazer um revisionismo de Fátima tão descarado que o *Los Angeles Times* observou que ele tinha "desmontado suavemente o culto de Fátima."¹² No seu comentário teológico à visão do "Bispo vestido de branco," que, segundo nos dizem, é tudo o que há no Terceiro Segredo de Fátima (nem a Madre Angélica acredita nisso), Ratzinger ousou dizer que "o 'Imaculado Coração' (sic) é um coração que, com a graça de Deus, chegou a uma união interior perfeita e, portanto, 'vê a Deus.'" Ratzinger obliterou assim a distinção entre o único Imaculado Coração de Maria, conservado livre da mancha do pecado original (a que Ratzinger nem se refere), e outro coração qualquer *em potência*. A partir desta perversão da verdade, Ratzinger salta para a conclusão de que "Ser 'devotado' ao Imaculado Coração de Maria significa, portanto, adoptar esta atitude de coração ..." — eliminando assim o mandato do Céu de "estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração" como um culto explicitamente católico, e substituindo-o por uma busca genérica de santidade. A seguir, Ratzinger desfez o Triunfo do Imaculado Coração desta maneira:

Finalmente, gostaria de mencionar outra expressão-chave do "segredo" que ficou justamente famosa: "o Meu Imaculado Coração triunfará". Que quer isto dizer? O Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte do que os canhões e as armas de todos os tipos. O fiat de Maria, a palavra do Seu coração, mudou a história do mundo, porque trouxe o Salvador ao mundo — porque, graças ao Seu Sim, Deus pôde fazer-se homem no nosso mundo, e assim ficará para todo o sempre.¹³

Portanto, segundo Ratzinger, o Triunfo do Imaculado Coração, profetizado por Nossa Senhora em 1917 como um acontecimento futuro, teria acontecido há 2.000 — um truque exegetico que conseguiu fazer cortando as palavras "Por fim" da profecia. Ratzinger evitou convenientemente referir-se à promessa de Maria de que o triunfo do Seu Imaculado Coração ver-se-ia na conversão *futura* da Rússia.

A manipulação que Ratzinger fez das palavras da Mãe de Deus trouxe-lhe o desprezo de todos os Católicos fiéis, mas também prova o que temos estado a expor. Os defensores do actual regime de novidades devem ter a honestidade de perguntar a si próprios: É ou não evidente que a religião pregada pela Santíssima Virgem em Fátima não pode coexistir com o programa ecuménico e pan-religioso do aparelho de Estado do Vaticano? É como matéria e anti-matéria: a religião pregada em Fátima e o novo programa da Igreja conciliar não podem ocupar simultaneamente o mesmo espaço; um deles há-de aniquilar o outro, dependendo de qual dos dois está presente em mais abundância. Por isso, o novo programa, que hoje predomina, procura aniquilar o Catolicismo clássico da Mensagem de Fátima (embora acabe por não o fazer, devido à indefectibilidade essencial da Igreja).

John Vennari menciona que, quando um observador citou ao Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José da Cruz Policarpo, uma passagem que a Irmã Lúcia tinha escrito sobre os deveres que temos para com Deus, segundo o Primeiro Mandamento, o Cardeal respondeu: "A Irmã Lúcia já não é hoje um ponto de referência, porque temos um muito bom no Concílio Vaticano II."¹⁴ Até os prelados de grau mais elevado vêem que o Concílio foi o início de um movimento de afastamento da Fé de sempre, tal como é expressa nas verdades de Fátima. A aqueles que dizem que isto é mais um dos muitos "mal-entendidos" sobre o Vaticano II que têm proliferado desde a sua realização, eu responderei: Diga-me se houve outro Concílio em toda a história da Igreja que tivesse dado origem ao mal-entendido geral de que os seus ensinamentos mudaram aquilo em que os Católicos devem crer.



Os peregrinos do Fatima Center que, acompanhados do Padre Gruner, distribuíram literatura sobre Fátima e petições para a Consagração da Rússia em várias línguas fora do recinto do Santuário de Fátima, onde mais de 100.000 pessoas assistiram às cerimónias de 13 de Outubro. A

***Cronologia de um encobrimento* foi especialmente útil nesta altura para chamar a atenção dos portugueses para a conspiração para silenciar Nossa Senhora de Fátima. Depois de ler os artigos deste número, verá como funcionários do Santuário vieram descaradamente a público com o seu plano diabólico para destruir não só o local sagrado de Fátima, mas também a própria Fé Católica.**

NOTAS:

1. *O Nosso Mandato Apostólico* (1910).
2. *Notícias de Fátima*, 24 de Outubro de 2003, "Santuário a vários credos," p. 8-9.
3. *Catholic Times* online, 18 de Novembro de 2003.
4. Ibid.
5. *Divini Redemptoris*, 8.
6. GS, 22.
7. Monsenhor Georges Roche, *Pie XII devant L'Histoire* (Paris: Éditions Robert Laffont, 1972), p. 52-53.
8. Há muitos relatos históricos deste acontecimento. Cf., por exemplo, "Our Lady and Islam: Heaven's Peace Plan," por Fr. Ladis J. Cizik.
9. Carta ao Pe. Nicholas Gruner, 16 de Fevereiro de 2001.
10. Kramer, Pe. Paul, *O derradeiro combate do demónio*, Missionary Association (Buffalo, NY: 2002), p. 89, <http://www.devilsfinalbattle.com/port/ch8.htm>
11. *O derradeiro combate do demónio*, Capítulo 8.
12. "A Igreja Católica revela o Terceiro Segredo: O principal teólogo do Vaticano desmonta suavemente o relato que uma freira fez da sua visão de 1917, e que alimentou décadas de especulação," *Los Angeles Times*, 27 de Junho de 2000.
13. *The Message of Fatima*, p. 43.
14. *Documentation Information Catholique Internationale* (DICI), 3 de Novembro de 2003.

[Continued Next Issue](#)